



REIFICAÇÃO DE CORPOS E SUBJETIVIDADES: SOBRE A “PEDAGOGIA DO NATURAL” NA REVISTA BOA FORMA¹

Priscila Daniela Hammes

Ex-bolsista de iniciação científica (Pibic-Bip/CNPq).

Licenciada em Educação Física/UFSC.

Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq).

Beatriz Staimbach Albino

Ex-bolsista de iniciação científica (Pibic-Bip/CNPq).

Licenciada em Educação Física/UFSC.

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Física da UFSC.

Bolsista do CNPq e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade.

Alexandre Fernandez Vaz

Doutor pela Universidade de Hannover.

Professor do Programas de Pós-graduação em Educação, Educação Física e Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC.

Pesquisador CNPq.

Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea.

RESUMO

A pesquisa objetivou compreender o discurso de embelezamento da revista Boa Forma (edições de 2005 a 2007). Os resultados apontam para o incitamento aos seguintes recursos: 1. a cirurgia – a ser evitada; 2 a roupa – que dissimula a aparência; e 3. os exercícios físicos – valorizados por serem meritocráticos. Assinala-se: o ambíguo elogio de recursos ditos “naturais”, em detrimento aos “artificiais”; a busca romântica e persuasiva de um corpo “belo por natureza” – como medida que escamoteia a dominação; a manipulação da utopia de reconciliação com a natureza como meio de reificação de corpos e subjetividades.

ABSTRACT

¹ O presente texto é resultado parcial do projeto Teoria Crítica, Racionalidades e Educação II, financiado pelo CNPq (Auxílio pesquisa, bolsas de produtividade em pesquisa, doutorado, mestrado, apoio técnico, iniciação científica). Em especial, a investigação que deu origem a este texto contou com uma bolsa do programa PIBIC/UFSC/CNPq.

The aim of the research was to understand the beauty discourses in the Magazine “Boa Forma” (editions between 2005 and 2007). The results suggest the incitement of these techniques: 1. chirurgic (to be avoided); 2. Clothes (to improve the semblance); 3. Physical exercises (good because of the merits of body work). It is to show up: the ambiguous valorization of “natural” techniques in spite of “artificial”; the romantic looking for a body that would be “naturally beautiful” – as covered domination; the manipulation of the utopia of reconciliation with nature as reification of bodies and subjects.

1 Introdução

A prática do culto ao corpo assume no período moderno características que não se encerram em si, mas correspondem a um estilo de vida. A conquista da beleza parece trazer a sensação de um prazer causado pela harmonia e perfeição das formas, algo valorizado principalmente entre as mulheres, portadoras preferenciais da preocupação extrema com a modelação corporal com vistas a aproximá-la de padrão de beleza hegemônico, sinônimo de valorização social.

Com a “ousadia” de expor o corpo que foi se configurando ao longo dos tempos— algo que se deu, entre outros, com o fato da atividade física tornar-se uma prática de busca da beleza, bem como pelo surgimento, na contemporaneidade, de ambientes de lazer como a praia –, a preocupação em adequá-lo aos padrões considerados ideais também se fez sentir. Uma necessidade que foi efetivada pelo cinema e a televisão, onde artistas e “vedetes” passam a ser avalistas da publicidade, com seus corpos “esguios e esbeltos” (VIGARELLO, 2006). As “estrelas” foram e são consideradas profissionais dos cuidados com o corpo ao anunciarem uma nova maneira de se lidar com ele.

À medida que esses corpos passam a estar à mostra em diversos lugares, provocando desejos e anseios, sobretudo de alcançar as promessas de beleza, se multiplicam as preocupações e os artifícios/práticas para se ter um corpo bonito/saudável. Essas práticas não se limitam apenas à atividade física, mas são compostas também por cuidados com a alimentação, sobretudo dietas, pelo uso de produtos embelezadores, cirurgias plásticas, auxílio de tratamentos da medicina estética, roupas, dentre outros inúmeros dispositivos pedagógicos destinados ao corpo, os quais instruem e incitam os indivíduos à obtenção de novos conhecimentos quanto ao cuidado com a aparência.

Nesse quadro de centralidade do corpo, principalmente por ser ele tomado como a própria identidade do indivíduo, é preciso destacar a importância que possuem as revistas ilustradas. Essas são verdadeiras cartilhas que determinam os modos de pertencimentos e exclusões sociais ao eleger as aparências que são ou não aceitáveis, ao mesmo tempo em que se autodenominam guias quanto aos conhecimentos que a leitora necessita deter para que de alguma maneira se adeqüe à bela aparência propagada como ideal.

Dos veículos da mídia produtores e reprodutores desse discurso foi tomado como objeto de estudo a revista *Boa Forma*. Publicada pela editora *Abril*, encontra-se em circulação no mercado há cerca de vinte e três anos, tendo como conteúdo central questões relacionadas à busca de um corpo perfeito – na sua analogia contemporânea, “cheio de saúde”. Serve-se para isso de recursos e técnicas que visam o alcance de formas corporais que estejam em sua potência máxima, ou seja, “sempre belas”.

A presente investigação dedicou-se à análise da capa, dos editoriais e de algumas reportagens específicas das edições de 2005, 2006 e 2007 de *Boa Forma*. A escolha da

capa se deu, sobretudo, por ela se constituir como lugar mais evidente de anúncio ao “culto ao corpo”, com fotos de mulheres “saradas” e com roupas curtas. Além disso, as chamadas de capa não escondem o ensejo: tornar o corpo o principal objeto de investimento. A análise dos editoriais foi feita por este ser uma espécie de resumo sobre o que cada edição traz às leitoras, dando ênfase aos conteúdos em forma de conselhos, assinados pela diretora de redação. Assim, é nele que se “expressa uma doutrina sobre o consumo de corpos” (ALBINO, 2006, p. 5).²

De modo específico, o presente estudo apresenta resultados que se referem à pedagogia da *Boa Forma* no incentivo a busca de recursos embelezadores que sejam menos invasivos, ditos “naturais” – assim como a conformação de uma aparência que seja o mais próxima possível da (pretensa) beleza natural de cada mulher – e o paradoxo expresso no fato da própria revista prescrever o uso de mecanismos “artificiais”. O trabalho trata da tensão natural X artificial e as aporias daí provenientes. Desdobra-se, depois de uma apresentação temática mais geral, em três partes que analisam procedimentos sobre o corpo e sobre a vida feminina no sentido dos dispositivos embelezadores: 1. a cirurgia – que deve ser evitada; 2 a roupagem – que “levanta”, “aumenta”, “diminui”, dissimula etc.; e 3. os exercícios e as dietas – valorizados por serem conquistados por meio do mérito, segundo a *Boa Forma*. Nas considerações finais aponta-se para o fato de que o incitamento ao uso de recursos ditos “naturais” e que a busca romântica e persuasiva de um corpo “belo por natureza”, assinala apenas para o escamoteamento da relação de dominação e manipulação do corpo, e para o uso do desejo de reconciliação visando a reificação dos corpos e das subjetividades.

2 Entre o “natural” e o “artificial”

Dentre as diversas estratégias de persuasão ao embelezamento veiculadas pela revista *Boa Forma*, e que compõe o seu projeto de alcance do sucesso/felicidade por intermédio do modelamento corporal, encontram-se aquelas referentes ao investimento no corpo por técnicas ditas “naturais” e “artificiais”.

A revista inicialmente predica que a mulher que se afaste dos efeitos produzidos pelo ato cirúrgico – “De 149 Kg a manequim 38: sem cirurgia!” (BOA..., 2006) –; enquanto em outros momentos incita a leitora a aproximar-se desse tipo de recurso embelezador – “novos implantes injetáveis ajudam a esculpir curvas até então modeladas apenas pela lipospiração.” (GARCIA, 2005, p. 71).

Por outro lado, técnicas *naturais* na revista *Boa Forma* seriam aqueles investimentos “menos invasivos”, tais como o emprego da medicina estética – eleita pela revista como procedimento natural –, diversos tipos de roupas – que dissimulam a aparência e causariam o mesmo efeito de uma cirurgia –, bem como os exercícios físicos –meritórios no alcance ao “belo ideal”. Essas prescrições apontam para um ideário romantizado e mitológico do corpo, enquanto algo que não deve ser manipulado, ou que o seja o menos possível, pois é necessário manter o que esse pretensamente possuiria de natural – e por isso de bom e belo.

Predomina no projeto embelezador da *Boa Forma* uma ilusória tentativa de preservar, ou ainda de reaproximar o corpo de sua “natureza”, tal como deixa ver a

² Uma descrição detalhada sobre a revista pode ser encontrada em Albino (2006) e Albino e Vaz (2008).

seguinte assertiva: “Esculpir o corpo, ganhar um bocão, detonar as gordurinhas: tudo sem cirurgia!” (BOA..., 2005). O que fica evidente aqui é a depreciação do artifício, o ato cirúrgico, enquanto em outro momento um menor grau de intervenção é elogiado: “a medicina estética – assim como a tradicional – caminha cada vez mais para tratamentos menos invasivos e que respeitam a natureza de cada mulher.” (GARCIA, 2005, p. 70).

Faz-se relevante aqui citar os escritos de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno (1985), importantes teóricos daquela que ficou conhecida como Escola de Frankfurt. Presente no aforismo *Interesse pelo corpo*, que compõe a parte de notas e esboços da obra *Dialética do Esclarecimento*, está a sugestão de que o corpo anatômico (*Körper*) não pode mais ser reconvertido ao corpo vivo (*Leib*). Com isso, os filósofos alemães explicitam que as promessas de reconciliação com a natureza – no caso, na revista *Boa Forma*, de preservar e/ou “devolver” à mulher a sua beleza “natural” –³ acabam por produzir reificação, pois a representação de um corpo reconciliado é justamente a mesma daquele que fora potencializado, ou seja, que preconiza uma ode ao progresso e a *performance* por meio da lapidação das próprias formas até o ponto que essas alcancem a “perfeição”.

Ao pregar a reconciliação, ou a manutenção de algo “natural” no corpo, o que a revista produz é a alienação e o incitamento ao trato do corpo como objeto, já que mascara o que ela mesma propõe: que sejam realizados investimentos por meio de técnicas. A discussão sobre o uso de técnicas “menos ou mais invasivas” apenas ratifica que, de fato, o corpo é objeto de manipulação e que em nenhum momento uma técnica pode ser considerada “natural”, já que sempre supõe uma forma de domínio/controlado.⁴

Dessa forma, fica evidente que não importa se as estratégias prescritas pela revista são de métodos mais ou menos artificiais/invasivos, se o que se pretende é o alcance da beleza por meio de técnicas/artifícios externos. As pedagogias veiculadas pela *Boa Forma*, enquanto um conhecimento sobre o corpo e o modo de manipulá-lo/embeleza-lo, mantêm-no sob domínio.

Apresentamos a seguir os três principais tipos de técnicas presentes na revista para a busca das formas ditas ideais. São elas: a cirurgia plástica, o os sutiãs de “enchimento” e/ou incentivo ao uso de outras roupas que tragam resultados comparáveis ao da cirurgia modeladora, e o exercício físico.

2.1 Cirurgia

Como já dito, a *Boa Forma* incentiva o alcance de formas corporais perfeitas por meio de intervenções que pareçam “naturais”. Uma delas é o valor atribuído à medicina estética. Em contrapartida, a cirurgia é um método – pregado pela revista – capaz de promover ao corpo adaptações que satisfaçam as necessidades femininas, mas que, no entanto, não é natural.

Para além do fato do ato cirúrgico ser um processo em que o especialista realiza uma intervenção instrumental no corpo da paciente, a cirurgia é uma ação no sentido de

³ É possível perceber esse discurso em um editorial: “A conquista de Fabiana é bem do jeito que a gente gosta. Ela não queria virar outra pessoa, mas conseguir isso sim, ficar o mais bacana possível dentro do corpo que Deus lhe deu. Ser bonita ao seu estilo...” (REIS, 2006, p. 10).

⁴ Baseado nos escritos de Horkheimer e Adorno (1985), Vaz (1999) afirma que “O corpo é, em um primeiro momento, o objeto e a vítima preferencial da civilização, cuja história pode ser lida nos anais do crescente processo de controle daquele, e pelo desenvolvimento das técnicas que medeiam esse domínio” (VAZ, 1999, p. 92).

melhoria do rendimento corporal, entendido este como alcance da beleza. Logo, é preciso tratar o corpo como matéria que se molda, a fim de alcançar o sonho de potencializá-lo (no sentido de torná-lo belo), livrando-o de qualquer “deformação”.

A revista, em alguns momentos, incentiva a mulher a “encarar um bisturi” para que alcance a “sua melhor boa forma”. Assim, pelo incitamento ao uso desse e de outros artifícios, se estabelece uma ambigüidade no discurso, já que em certos momentos ela afirma que a mulher deve permanecer “ao natural”, para, em outro, dizer o seguinte:

Sol, verão, biquíni. Na praia, na piscina do clube ou no deck da pousada, é quase inevitável a gente cair na tentação de avaliar a “concorrência”. Quando vemos o desfile de garotas enxutas dá aquela vontade de melhorar o visual – quem sabe investir numa lipo ou colocar prótese de silicone nos seios? Se a idéia passou pela sua cabeça, aproveite esta reportagem e tire todas suas dúvidas. (GARCIA, 2006, p. 88).

Apreende-se aqui uma imagem do corpo como metáfora que transita entre a natureza e a máquina, indistintas no sentido de que são vistas como objetos de dominação. Um corpo “pode ser, da mesma forma que uma máquina, posto em ou tirado de funcionamento. [e] Se um corpo pode ser equiparado a uma máquina, é porque também suas peças podem ser substituídas, ou reparadas, caso o funcionamento não esteja a contento” (VAZ, 1999, p. 101).

Dessa forma, se a cirurgia não é estimulada, por ser um recurso artificial, em algumas ocasiões, porém, segundo a *Boa Forma*, traz o efeito almejado e por isso deve ser, já que necessária, realizada. Isso acontece, porque ela produz resultados rápidos e eficazes ligados, sobretudo, à cultura hedonista e veloz que compõe estilos de vida na sociedade contemporânea.

Assim como a cirurgia, a medicina estética proposta pela *Boa Forma*, a fim de que se alcance resultados mais “naturais”, não deixa de ser uma técnica para o processo de dominação-sujeição destinado ao corpo. O que se sabe sobre o corpo é que há o dever de domesticá-lo. Assim, a cirurgia ou a medicina estética, uma eleita como procedimento “artificial” e outra como “natural” pela revista, são dois métodos que se equiparam e têm como objetivo uma padronização do alcance da beleza.

2.2 Roupagem

O estímulo ao embelezamento também é encontrado na *Boa Forma* a partir do comércio de roupas, sobretudo as íntimas/lingeries que prometem resultados semelhantes aos de uma cirurgia – e justamente nas partes do corpo que lhe conferem maior prestígio social: seios, bumbum e barriga.⁵ Assim, encontramos na reportagem do mês de julho do ano de 2005 a seguinte chamada: “efeito silicone: os novos modelitos atendem ao desejo de muitas mulheres, dar a sensação de seios maiores e mais firmes” (GARCIA, 2005, p. 97). Na reportagem, as usuárias afirmam tratar-se de uma “plástica instantânea”.

Importante notar a diferença entre “parecer” e realmente “ser” aquilo que se almeja, ou seja, o sutiã pode causar um resultado que faça o seio “parecer siliconado”, mas na verdade não o é: “O recorte no bojo permite que os seios pareçam mais empinados” ou então um

⁵ Sobre a valorização dessas partes do corpo feminino, ver Sabino (2000) e Albino e Vaz (2008).

outro que “[...] possui o bojo arredondado e alto, garantindo um efeito prótese” (GARCIA, 2005, p. 97).

Segundo a *Boa Forma*, “enganar” faz bem e ela mostra qual o “truque” para tal. O importante é modelar os seios de acordo com o desejo de cada mulher: deixá-los maiores, menores, mais redondos, ou até mesmo dando a “impressão” de que são grandes. Para cada caso há uma solução existindo sutiãs “turbinaados, recheados de gel ou espuma”, capazes de aumentar e levantar “mamas pequenas ou flácidas”, outros em que “além do enchimento de toque macio – que levanta e aproxima os seios –, têm aloe vera para hidratação.” (GARCIA, 2005, p. 92).

Além disso, vale atentar para a variedade apresentada. São sutiãs para todos os tipos de seios, e que ao mesmo tempo possibilitam que eles ganhem a aparência que deseja a leitora. Há assim calcinhas que fazem o “bumbum” parecer maior, ou então menor, ou ainda outra opção: podem ser utilizadas com roupas claras ou justas, pois não as “marcam”.

É importante destacar que o intuito nessa dissimulação é o mesmo realizado pelo espartilho no século XIX. Segundo Vigarello (2006), ele delineava os contornos femininos, fazendo com que as mulheres reproduzissem formas mais delgadas e, portanto, belas. Além disso, conferia a elas uma espécie de controle/domínio do corpo quando causava “firmeza e sustentação”. Naqueles tempos foram produzidos pelas indústrias vários tipos, uns que garantiam uma “silhueta exigida pela moda do dia”, outros que reduziam “os quadris de maneira maravilhosa” (VIGARELLO, 2006, p. 121), sem nunca deixar de oferecer efeitos “enganadores”, assim como os vários tipos de lingerie propagados pela *Boa Forma*.

É possível entender esse método como uma prática de dissimulação com objetivo de produzir um efeito que não pareça ser “artificial”, mas sim que os contornos forjados pelo uso de sutiãs e calcinhas de enchimento causem a impressão de serem “naturais”, ou ainda, autênticos. Pode-se afirmar, por conseguinte, que o efeito produzido pela roupa apenas oculte o que está fora do padrão considerado belo.

2.3 Exercícios

Um último recurso a ser aqui abordado é o exercício físico, apresentado também como maneira “natural” para se conquistar os contornos almejados em *Boa Forma*. É possível perceber que o exercício físico é tão estimulado pela revista quanto os cuidados com a alimentação, ainda que ela os apresente como os principais elementos dos “planos de transformação”. Os exercícios são considerados meios para que a mulher alcance a beleza com seus próprios esforços, tratando-se, portanto, de uma questão de “mérito”.

Segundo Vigarello (2006), o exercício físico para fins embelezadores e na forma de ginástica, tornou-se parte da vida das mulheres no final do século XIX, quando surge como cultura elaborada pensando-se no corpo “imóvel” – rigidez manifesta, por exemplo, pelo uso do espartilho. Neste contexto, as atividades físicas multiplicavam-se à medida que apareciam os resultados provenientes de sua prática. Exercícios para partes específicas do corpo – como a região torácica – eram enaltecidos à medida que o trabalho ginástico lhes oferecia um grau maior de energia. É neste sentido que se inicia a prática da ginástica como “ideal atual da beleza feminina” regularmente evocada nas revistas de moda da época (VIGARELLO, 2006, p. 127).

O discurso produzido em torno do tema “exercícios” é de que, por meio de um “plano”, a mulher alcançará a “sua melhor boa forma”. Um “plano”, porém, que é penoso e exige sacrifícios, tal como a própria revista explicita, como um modo de aproximar-se da leitora e incentiva-la: “Foi fácil? Nunca é, custa empenho, dedicação e transpiração” (REIS, 2005, p. 07). Isto é, para que ocorra um domínio do corpo por meio de exercícios, é preciso que haja um controle sobre si, sobretudo da “vontade”, ou ainda da “mente”⁶, para que se suporte e subjugue o corpo por meio do sofrimento em benefício de possuir contornos “perfeitos”.

Novamente denota-se o trato do corpo como uma máquina, à medida que deve estar em perfeitas condições para realizar seu maior rendimento: estar sempre bela. Nesse contexto, o exercício físico, seja ele qual for, “reforça a idéia mecanicista de um corpo constituído de peças às quais se devem prestar a máxima atenção para que as ações sejam sempre mais eficazes” (SILVA, 1999, p. 24). Algo notável na seguinte passagem:

Adriane galisteu, a corrida enxuga este corpinho”. [...]“ela foge da lipo e do silicone, mas exhibe formas ainda mais bonitas do que tinha há dez anos. [...] Não, não se trata de graça divina, Adriane Galisteu investiu tempo e energia num treinamento puxado de corrida para manter o corpo como gosta – esguio e sequinho. Siga a loira. (LUBLINSKI, 2005, p. 56).

O que se pode concluir diante da reportagem é que Adriane, uma modelo famosa, legitima o discurso da *Boa Forma* sobre o corpo ideal conquistado por méritos e esforços próprios, sobretudo com a prática de exercícios físicos. Além disso, quando utiliza as expressões: “ela foge da lipo e do silicone” e “não se trata de graça divina”, a revista quer se referir ao fato de que conquistar um corpo perfeito requer esforço e dedicação.

Nota-se como o incentivo à busca da beleza por meio do trabalho produz um paradoxo sobre a idéia do ócio que a cirurgia plástica traz. Enquanto o exercício físico enfatiza o esforço produzido pelo corpo e como tal a recompensa da perfeição, o ato cirúrgico coloca-se a favor do ócio e contra o trabalho propriamente dito, sendo pouco estimulado e até mesmo depreciado pela *Boa Forma*.

3 Considerações finais

A produção cultural do corpo tem mostrado uma diversidade de saberes que se dizem colaboradores do processo de busca pelo sucesso/felicidade. Opera-se aqui com a idéia de que esses saberes são formas essenciais de subjetivação no período contemporâneo. Compreender este fenômeno, de forma a identificar suas minúcias e estratégias, é procurar compreender algumas pedagogias que constituem o que é um *dever ser ideal* para o feminino.

⁶ A pedagogia de embelezamento veiculada pela revista *Boa Forma* é composta por medidas para “tranqüilizar a mente”, ou ainda, para que a mulher esteja “de bem consigo mesma”, tenha “força de vontade”, sinta-se feliz ao olhar para “seu interior”. “Desta forma, coloca-se a crença de que um corpo mais “tranqüilizado” mais bem reage a situações que possam lhe causar sofrimento. Há uma mescla entre ‘exterior’ e ‘interior’: ‘Pense diferente: mude a sua cabeça e perca peso agora’ (BOA..., 2005). Interessa trabalhar sobre si de forma a facilitar o labor com o corpo.” (ALBINO; HAMMES; VAZ; 2008).

Uma das estratégias centrais utilizadas pela revista *Boa Forma* é a ênfase no emprego de recursos embelezadores que sejam “naturais” e que produzam um corpo que pareça ser “naturalmente” belo. Há nesse elogio da “natureza” a produção de um discurso moral calcado no ideário mitológico do corpo como “puro”, não devendo por isso ser manipulado, ou sendo tão menos quanto possível – algo notável nas assertivas da revista quanto à depreciação da cirurgia estética em benefício das práticas da medicina estética, do uso de roupagens específicas e da prática de exercícios físicos.

O incitamento à aplicação desses recursos parece estar fortemente associado ao aspecto de meritocracia que os perpassa. Não é sem motivo que a realização de exercício físico seja o mais estimulado, e, mesmo sendo a dissimulação em determinados momentos elogiada, apresentando-se como uma aparente contradição em relação ao ideário do mérito, essa ainda exige a detenção de conhecimentos específicos para que manipulação da aparência seja feita de modo adequado. A dissimulação também é, em alguma medida, um investimento que só é alcançado por meio do mérito.

Como se vê, pela própria relação que esses recursos embelezadores ditos “naturais”/ menos invasivos indicam ter com a meritocracia, a busca romântica e persuasiva de um corpo “belo por natureza” assinala apenas para o escamoteamento da relação de dominação e manipulação do corpo que é eternamente exigida. A aparência “natural” é fruto apenas do desejo de reaproximação de um mitológico estado “puro” – um desejo que denota o subterrâneo repúdio à civilização, ao reclame de submissão das paixões e, portanto, do corpo, e que na busca pela reconciliação com o que fora perdido, somente repete o processo de submissão. Isso é notável pela própria discussão apresentada sobre o uso de técnicas “menos ou mais invasivas”, o que apenas ratifica que, de fato, o corpo é objeto de manipulação; ou ainda porque os procedimentos “artificiais” e “naturais” são métodos que se igualam e têm como objetivo o alcance de uma beleza padronizada. Mas, sobretudo, porque a construção de um ideário que relaciona corpo/natureza/beleza como algo dado – e também associado ao bem, sendo portanto moralizado – apenas aliena sobre a impossibilidade dessa reconciliação e o trato do corpo como objeto, capturando a utopia desse pretenso reencontro para reificar o corpo e as subjetividades.

Referências

ALBINO, B. S. **Biopolítica, indústria cultural e produção do corpo e bem-estar: um estudo sobre os dispositivos pedagógicos da revista Boa Forma**. 2006. 63 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação Licenciatura Em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma. **Movimento**. v. 14, n.1, 2008, p. 199-223.

ALBINO, B. S.; HAMMES, P. D.; VAZ, A. F. “Certezas” ambíguas: entre o “dom” e o “mérito” de ser bela, segundo a revista Boa Forma. **Revista Digital Lecturas**. v. 12, n. 117, fev. 2008, p. 1-7.

BOA Forma, São Paulo, v. 20, n. 5, maio/2005.

BOA Forma, São Paulo, v. 21, n. 10, outubro/2006.

- GARCIA, D. A beleza do futuro agora: injeções de efeito lipo, ativos antigordura e aparelhos que apagam qualquer marca. **Boa Forma**. São Paulo: editora Abril, v. 20, n. 5, p. 70-75, maio/2005.
- GARCIA, D. Orgulho no decote. **Boa Forma**. São Paulo: editora Abril, v. 21, n. 1, p. 92-97, julho/2005.
- GARCIA, D. Lipo e silicone: ai que vontade que dá. **Boa Forma**. São Paulo: editora Abril, v. 21, n. 1, p. 88-91, janeiro/2006.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, 254 p.
- LUBLINSKI, D. Adriane Galisteu: a corrida enxuga este corpinho. **Boa Forma**. São Paulo: editora Abril, v. 20, n. 6, p. 56-59, junho/2005.
- REIS, C. Aquecimento. **Boa Forma**. São Paulo: editora Abril, v. 20, n. 4, p. 07, abril/2005.
- REIS, C. Aquecimento. **Boa Forma**. São Paulo: editora Abril, v. 21, n. 3, p. 10, março/2006.
- SILVA, A. M. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. **Caderno CEDES**, ano XIX, N. 48, ago. 1999.
- VIGARELLO, G. **História da beleza**: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento. **Caderno CEDES**, ano XIX, n. 48, ago. 1999.